

SILAS RODRIGUES ANDRADE

A FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO
PAIDÉIA

Rio de Janeiro
Julho / 1994



UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO (UNI-RIO)

Título da monografia: "A formação do Homem negro -
- paideia".

Aluno: Silas Rodrigues Andrade

Professora: Tânia Jatoba

Aspecto avaliado: Normalização - Nota: 9,0 (nove)

PARECER

O aluno está devidamente aprovado. Algumas observações, entretanto, fazem-se necessárias:

- 1- O texto que figura como "Resumo" não está bem caracterizado. Corresponde-lhe, de fato, a natureza de "Apresentação" (ou "Nota Prévia").
- 2- As citações com três linhas completas ou mais são recuadas além do parágrafo do texto e devem figurar sem aspas, com tipo diferenciado do restante do texto.
- 3- O registro das notas de rodapé devem ser indicadas por n.º ao alto e não, entre parênteses.

No mais, está com excelente apresentação e trabalho, consoante as normas técnicas de editoração e pesquisa.

Rio de Janeiro, 30/06/1994.

SILAS RODRIGUES ANDRADE

A FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO
PAIDÉIA

Rio de Janeiro
Julho / 1994

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO - UNI-RIO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

DISCIPLINA: Monografia II

REITOR: Sérgio Luiz Magarão

DECANO: Affonso Celso Mendonça de Paula

SECRETÁRIO DE ENSINO: Cleber Catalino Camberlin

DIRETORA: Janette de Oliveira Elias

PROFESSOR DA DISCIPLINA: Gilda Maria Grumbach Mendonça

PROFESSOR ORIENTADOR: PROF^a Valéria Cristina Lopes Wilke

SILAS RODRIGUES ANDRADE

A FORMAÇÃO DO HOMEM GREGO
PAIDÉIA

Monografia apresentada em cum
primento ao requisito parcial
para conclusão do Curso de
Licenciatura Plena em Pedago-
gia.

Rio de Janeiro

UNIRIO

1994

"Todas as guerras do mundo são iguais
todas as fomes são iguais
todos os amores iguais iguais iguais
iguais todos os rompimentos
a morte é igualíssima
todas as criações da natureza são iguais
contudo, o homem não é igual a nenhum homem,
bicho ou coisa
não é igual a nada
todo ser humano é um estranho
ímpar."

(*CD*
"Igual-desigual" Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

A minha esposa, pela grande força nos momentos indivisíveis e pela parceria nos momentos divisíveis.

A Valéria, pela orientação valiosa neste estudo.

Ao ilustre mestre Junito Brandão, pela paciência em me ouvir e os papos descontraídos.

A Escola de Educação, pela oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos.

A Deus, por mais uma oportunidade de dizer a que vim.

Aos ousados sonhadores como eu.

Estes têm o sêmem da vida:
Existirá prisão para quem sabe sonhar?

SUMÁRIO

	P.
I INTRODUÇÃO	13
II HOMERO, O GRANDE EDUCADOR DA GRÉCIA	16
III A EDUCAÇÃO EM ESPARTA	25
3.1 <i>Origem de Esparta</i>	26
3.2 <i>O sistema educacional espartano</i>	27
3.3 <i>Períodos educativos</i>	31
IV O SISTEMA EDUCACIONAL ATENIENSE	34
4.1 <i>Origem de Atenas</i>	35
4.2 <i>A educação ateniense</i>	35
4.3 <i>A educação feminina</i>	42
V CONCLUSÃO	44
ANEXOS	47
BIBLIOGRAFIA	48

RESUMO

Porque seria interessante resgatar aspectos da formação do Homem Grego?

O que seria relevante naquela época a tal ponto de ter-me influenciado na escolha do tema?

Tais questões irão perpassar este trabalho o tempo todo: configura-se desde o início um desafio traduzido por uma tentativa contínua de marcar passo-a-passo os gregos como criadores da idéia de "cultura".

Primeiramente, isso: o desafio de narrar historicamente os caminhos percorridos para a construção da educação grega e a sua total compreensão. Não pretendo revelar verdade alguma, na busca de apontar para o que foi deixado esquecido pelo tempo, e sim a formação do homem segundo as leis gerais que determinam a essência humana.

O objetivo precípua deste trabalho consiste em relatar historicamente como se deu a formação do homem na antiguidade, por volta do século IV a.C., mais especificamente na Grécia, ressaltar a importância da educação na Grécia Antiga e relatar a educação das instituições pedagógicas.

Tratamentos de mostrar que na Grécia do séc. IV a.C. inicia-se uma era decisiva para ulterior desenvolvimento da formação do homem, utilizando-se de uma estratégia pedagógica; a formação do homem, de acordo com a verdadeira forma humana erguendo-se o homem como idéia. Com a proposta de educação liberal.

Os gregos formularam, pela primeira vez, o conceito de educação que nós ainda denominamos de liberal.

Mais do que com qualquer outros povos do passado. Foi com os gregos que a educação surgiu com as características mais semelhantes das nossas de hoje.

Não podemos falar em educação na antiguidade sem

citar Homero o grande pano de fundo da Educação Grega.

É desconhecida com exatidão a História Grega dos tempos mais antigos. O que se sabe é narrado por Homero em seus poemas *Iliáda* e *Odisséia*.

Se torna clássico o paralelo que se costuma fazer entre Atenas e Esparta.

Atenas foi o berço dos artistas, a pátria da liberdade e da democracia. Contudo Esparta, nem sempre foi uma cidade-estado severa e bárbara. Em épocas remotas, constituiu-se o centro da civilização Helênica, coisa que Atenas só veio a ser no séc. V a.C.

O trabalho permeia-se entre estas duas cidades-estado, para reconstituir o caminho dos modernos educacionais na Grécia Antiga.

I INTRODUÇÃO

Perguntaram a uma centopéia:

— *"Qual dos pés você move primeiro para começar a andar?"*

A centopéia ficou tão confusa com a pergunta que, após uma noite inteira de reflexões, não foi capaz de caminhar no dia seguinte.

Corro o risco de que uma perplexidade de igual monta me atinja agora. Analisar a Paidéia do ponto de vista filosófico ou buscar o caminho do desenvolvimento histórico?

Para que não me aconteça o sucedido com a centopéia — paralizada ante o problema de uma questão — ignoro o ponto de vista filosófico e começo a descrever historicamente como se deu a educação, ou a formação do homem, na antiguidade. O fenômeno social da influência deste modelo nos dias de hoje, será motivo de uma reflexão a "posteriori".

A civilização grega, que tanta importância teve na educação da humanidade, nasceu e desenvolveu-se em uma península. Semelhante a uma palma de mão que se estende pelo Mediterrâneo adentro, toda recortada de pequenos golfos e baías, o que explica a tradição marítima. Daí serem difíceis as comunicações internas, de modo que os gregos viveram concentrados socialmente em regiões mais ou menos isoladas entre si. E este fenômeno se observa na autonomia de cada "cidade-estado" (Polis) uma das maiores inven-

ções do gênio grego que funcionavam como verdadeiros Países.

Os gregos entraram na Península um pouco antes do ano 2.000 a.C., desconheciam a arte da escrita, os testemunhos mais antigos desse povo são os poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia*, compostos provavelmente entre 750 e 600 a.C.. O grego é língua de origem indo-européia.

Não faz muito tempo, ainda se ensinava Latim e Grego em nossos colégios, porque o núcleo da tradição cultural européia e conseqüentemente, brasileira, devido às suas origens, nasceu na Grécia e com Roma.

Na verdade, vencendo os gregos, os romanos se renderam ao esplendor da civilização Grega.

Há culturas que simplesmente morrem, outras ficam e alimentam o futuro. É o que se mantém vivo, o ideal que elas representam.

Os traços mais marcantes de uma civilização nascem do tipo de diálogo entre homem e linguagem. Os gregos deram prova disso. Isso mostra que o ideal não é, como se pensa, aquilo que nós queremos, mas aquilo que nos faz querer alguma coisa. Os gregos não construíram nenhuma civilização para o futuro. Preocupavam-se com a vida, com o presente. Os ideais gregos se preocupavam com a manutenção e melhoria desse modo de ser. Eles construíram o seu mundo sobre a linguagem falada, a civilização grega primou pela oralidade e relegou à escritura um papel secundário. Poesia para eles, era exercício da memória.

Não há na Grécia um espírito absoluto, um Deus todo-poderoso que fique fora do mundo, impossível de alcançar. Se um Deus fala, sua voz é física e concreta, como a de qualquer homem, sua cólera se ouve cá em baixo, na Terra. Os gregos não seriam ingênuos a ponto de considerar os deuses apenas sob o aspecto de uma figura antropomórfica. Sua alma sabia que Zeus era totalidade. O mesmo com todos os deuses que compunham o Olimpo. Existe uma experiência viva da divina unidade do múltiplo, a plenu-

de divina de todo o ser.

A língua grega recebera toda uma coloração afetiva, todo um imaginário que vinha de Homero, de forma que aos Gregos não existia a única alternativa do ser ou não ser.

II HOMERO O GRANDE EDUCADOR DA GRÉCIA

Homero foi o primeiro educador dos gregos. É verdade que antes dos poemas homéricos, os gregos possuíam um corpo de doutrinas sagradas e tradicionais, provenientes, quer do oriente, quer dos próprios antepassados, e conservadas, cuidadosamente, por sacerdotes dos antigos templos.

Como já havíamos dito, não conhecemos com exatidão a história grega dos tempos mais antigos. O que se sabe é narrado por Homero em seus poemas *Iliada* e *Odisséia* (Tempos Homéricos, vide quadro). Alguns historiadores afirmam ser entre séc. XII e VIII a.C. JAEGER coloca entre séc. X e VIII a.C.

A *Iliada* é o registro da lendária guerra de Tróia, que possivelmente deu-se entre os séculos XII e XI a.C. Este poema épico foi composto aproximadamente 300 / 400 anos depois. Meados do séc. IX a.C. e representa a epopéia da pátria Helênica, onde são cantados os feitos heróicos dos gregos contra os povos do oriente. Desse poema épico de magestosa beleza tiraram os gregos a história grandiosa de seu povo, os princípios da sua teologia e os fundamentos de suas ciências sagradas. Os pintores, os escultores aí foram buscar os motivos e as suas inspirações para as suas mais belas inspirações artísticas.

A *Odisséia* trata da narrativa da volta do herói Ulisses para Penélope e Telêmaco, da vida dos colonizadores, é muito mais romântica, mas moral. Foi escrita provavelmente um século depois. Séc. VIII a.C. (obra que Homero não podia ter completado), alguns afirmam ser a sua

autoria a Homero II, contudo um fato é certo, Homero não viveu nessa época (Séc. VIII a. C.).

"Era difícil conhecer os autores de tais trabalhos... além disso, não havia a estrutura para fixar obra e autor."

(ARANHA, *Filosofando*. p. 63)

Havia muita controvérsia a respeito da época em que teria vivido Homero. Contudo, é comum atribuir-lhe a autoria desses poemas. Contudo, as epopéias tiveram uma função didática importante na vida dos gregos, transmitindo valores da cultura por meio das histórias dos deuses e antepassados. Nessa fonte maravilhosa e fecunda de ensinamentos, foram os gregos colher a filosofia e a moral, por isso, desde cedo as crianças decoravam passagens dos poemas de Homero.

Esses dois grandes poemas forneceram aos gregos o seu ideal educativo que era transformar seus filhos em um homem de ação e um homem de sabedoria, encarnados na figura heróica de Ulisses e de Aquiles. Pela sua bravura, pelo seu respeito aos deuses, pelo domínio sobre si mesmo, Ulissés representa o tipo do homem de ação. Pela sua prudência, e pela sua reflexão, aquele caracteriza o tipo do homem de sabedoria.

"A Ilíada fala-nos de um mundo situado num tempo em que domina exclusivamente o espírito heróico da aretê, e corporifica este ideal em todos os seus heróis... A Odisséia, ao contrário, tem poucas ocasiões para descrever o comportamento dos heróis na luta."

(JAEGER, *Paidéia*. p. 29)

A educação homérica não possuía nenhuma organização

institucional específica, nem métodos ou controle.

Era uma educação que consistia essencialmente num treino de atividades práticas definidas, com pouca ou nenhum lugar para a instrução de caráter literário. Contudo, o ideal homérico continua o germe da teoria do desenvolvimento da personalidade. Compreendida o duplo ideal; do homem de ação e do homem de sabedoria. O primeiro foi personificado por Aquiles, o outro por Ulisses.

Homero representou a base fundamental de toda a tradição pedagógica clássica. Ensinava através de exemplos, a educação recebida pelo jovem grego, era a mesma que Homero exigia de seus heróis.

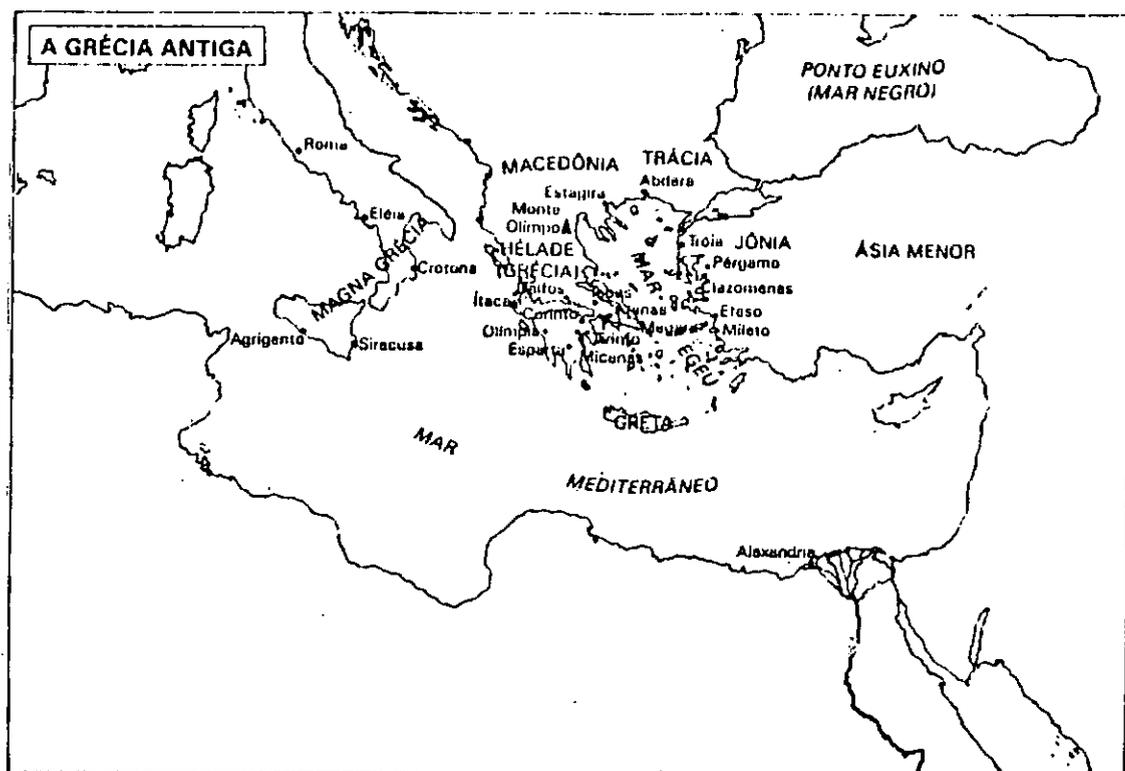
"Tal é o segredo da pedagogia homérica: o exemplo heróico. Assim como a baixa idade média nos levou a imitação do Cristo, a idade média helênica transmitiu à Grécia clássica, por meio de Homero, esta imitação do herói. É nesse sentido profundo que foi Homero o educador da Grécia."

(MARROU, História da educação na antiguidade, 1975. p. 32)

A epopéia grega, cuja origem remonta à Grécia Micênica, foi levada para a Ásia Menor pelas populações que para lá emigraram, fugindo às invasões dóricas.

Os AEDOS (cantores épicos) estavam entre os emigrantes, e foi na Jônia que a Epopéia atingiu seu apogeu.

O povo indo-europeu que invadiu a Península Balcânica, a partir de 1500 a.C., teve, antes de ser conhecido como Hélade ou Grécia, outras denominações: Minos e Aqueus, nome que aparece nos poemas de Homero.



- *Civilização Micênica - Desenvolveu-se desde o início do segundo milênio a.C. e tem esse nome pela importância da cidade de Micenas, de onde, no século XII a.C., partem Agamenon, Aquiles e Ulisses para sitiar e conquistar Tróia.
- *Tempos Homéricos (Séculos XII a VIII a.C.) - São assim chamados porque nesse período teria vivido Homero (Século IX ou VIII). Na fase de transição de um mundo essencialmente rural: o enriquecimento dos senhores faz surgir a aristocracia proprietária de terras e o desenvolvimento do sistema escravista.
- *Período Arcaico (Séculos VIII a VI a.C.) - Grandes alterações sociais e políticas com o advento das cidades-estado (Pólis) e desenvolvimento do comércio e conseqüente movimento de colonização grega.
- *Período Clássico (Séculos V e IV a.C.) - Apogeu da civilização grega. Na política, expressão da democracia ateniense; explosão das artes, literatura e filosofia. Época em que viveram os Sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles.
- *Período Helenístico (Séculos III e II a.C.) - Decadência política da Grécia com o domínio Macedônico e conquista pelos romanos. Culturalmente se dá a influência das civilizações orientais.

Homero e Hesíodo foram poetas em cujo trabalho encontramos o primeiro florescimento dessa nova cultura grega. Embora suas obras ainda tenham um residual milênico e minoano, pois eles eram herdeiros das antigas civilizações mediterrâneas, bem como pais de uma nova era. Como herdeiros dessas culturas anteriores, seguiram a antiga tradição do menestrel e do contador de histórias (AEDOS). É uma tradição tão antiga quanto o homem, pois os povos sempre sentiram necessidade de explicar suas origens e comemorar grandes eventos, viver das glórias passadas e exaltar os tempos históricos.

Os poemas épicos de Homero ajudaram a padronizar a língua grega, assim como a registrar algo do aspecto e comportamento dos tempos milênicos.

Hesíodo foi um mestre da poesia instrutiva; viveu em Ascra, na Beócia, na parte central da Grécia Continental. Seus dois poemas, A Teogonia e Os Trabalhos e os Dias tentam superar a poesia impessoal e coletiva das epopéias. O primeiro pode ser chamado de "Genealogia dos Deuses" é, um poema sobre os mitos o Panteão grego de Deuses e Deusas; o segundo, refere-se, basicamente a regras de agricultura e navegação, embora também forneça um calendário de dias felizes e infelizes e ofereça uma Homília moral. Vivendo em um tempo de pós-guerra, de declínio moral, Hesíodo preocupou-se com os problemas do bem e do mal, da justiça e da injustiça e anseia por uma idade de ouro, enaltece o amor à tradição e o senso da boa conduta.

Homero e Hesíodo foram os precursores de uma nova cultura, uma era literária, mais do que científica.

Até o século VI a.C. pode-se fazer que, na Grécia, ainda predominava uma concepção mítica do mundo. Isso significa que as ações humanas se acham explicadas pelo sobrenatural, pelo destino (Moiras), pela interferência divina. Os mitos gregos são recolhidos pela tradição e transmitido oralmente pelos AEDOS e Rapsodos. O herói vive na dependência dos deuses e do destino e, portanto, falta a ele a noção de livre-arbítrio. Ao contrário, ter sido es-

colhido pelos deuses é sinal do seu valor e em nada desmerece sua virtude. Nessa perspectiva, a noção de virtude (Areté) não deve ser confundida com o conceito moral de virtude como o conhecemos posteriormente, mas com força, excelência e superioridade, alvo supremo do herói. Trata-se da virtude do guerreiro belo e bom.

"É em função desta alta idéia da glória que se define o papel próprio do poeta, que é de ordem educativa. O fim a que sua obra se subordina não é essencialmente de ordem estética, mas consiste em imortalizar o herói. O poeta, dirá Platão (Fedro), 'cobre de glória Míriades de feitos dos antigos e assim faz a educação da posterioridade': subilinho este último traço, que parece fundamental."

(MARROU, 1975. p. 31)

Ainda segundo Marrou; Atená querendo despertar a vocação heróica em telêmaco, mostra-lhes o "exemplo" da decisão vir de Orestes *"vê o renome que entre os humanos conquistou divino Orestes, quando matou o assassino de seu pai, esse astucioso Egisto."* (Odisséia, Homero).

Vemos que o método da pedagogia homérica foram os exemplos. O exemplo heróico. É nesse sentido, que vemos Homero educando através de modelos idealizados, (Areté Heróica) e mostrando também, através de suas obras a *"realidade dessa suprema recompensa que é a glória"* (Marrou).

A maneira de educar através de modelos visava o desenvolvimento da personalidade. Compreendia o duplo ideal, homem de ação, homem de sabedoria, ambos têm que ser atingidos por todos os gregos (livres). É o pensamento e a conduta guiados pela razão. Nos poemas homéricos, foram extraídos modelos de vida. Utilizando modelos, ele motiva a busca da razão.

Vemos que a educação parte de uma imitação, não uma imitação pura e simples de formas e costumes mortos, mas a imitação de modelos vivos, possuídos de forte personalidades que estimulavam o desenvolvimento do homem. Mesmo quando ela visava diretamente certas qualidades (Areté, Sofrosine...) ela o fazia mediante o "exemplo" imediato dessas virtudes. Para o educando. Naquela época, a educação tinha sempre um fim atingível, pois possuía o modelo concreto, definido, pelo qual podia formar o caráter e dirigir a conduta. Utilizando-se de modelos, a educação não era um processo formal, sem vida, mas um modelo vivo e cheio de formas concretas de virtudes.

A educação grega consistia antes de tudo em fazer, só em segundo lugar era um processo de ensino.

Vemos hoje em nossas escolas uma educação voltada para a formação de idéias pela autoridade. Já na formação grega, valorizava-se a formação da conduta (criação de hábitos, cortesia, exercícios físicos, disputa (Ágon)), é tudo um fazer. Somente depois é que ela vem a se tornar uma instrução.

A complexidade da natureza humana é explicada por Homero, em termos tão convincentes que persistem até hoje.

Desta maneira, Homero tende ao equilíbrio cósmico com a predominância de valores que deverão permanecer no espírito do homem. Assim é que Aquiles, modelo de heroísmo, não consegue diminuir a importância de Heitor (comandante em chefe-tróia) representante de outro tipo de Arété imprescindível ao homem. A resistência.

Vencedores e vencidos significam aspectos que sempre existirão na vida. O destino (Moirá) é implacável, mas o homem luta contra todas as intempéries.

O modelo é o tema e a forma da Paidéia; a educação do grego, era a mesmo do herói.

Segue-se daí que não seria muito difícil acompanhar, na Helade, no seu apogeu, uma evolução das instituições pedagógicas correspondentes aos três estágios da pre-

ponderância dos Gené, da egemonia do estado e dos progressos do individualismo. Sabe-se o que era a antiga família grega, o Genos (1), que agrupa em torno do lar comum, em morada muitas vezes bem grande, todos quanto perpetuam o sangue do antepassado epônimo. Esse grupo goza, então, de completa independência e não admite qualquer limitação à sua soberania. Tem seu chefe, rei, sacerdote e juiz, seus deuses e seus ritos, suas regras de justiça, as Temistas. Transmitidas de pai para filho desde a origem dos tempos, acrescendo-se de contribuições novas de uma geração para outra, as temistas formam o código misterioso e sagrado da justiça familiar, a Témis. Nesse momento a educação é feita inteiramente no âmbito da família. O seu objetivo, uma vez aceita a criança pelo chefe da família, fazê-la participar progressivamente das crenças, dos ritos, das tradições dos genos.

Assim foi na epopéia, quando as cidades-estado se constituíram, quando o poder político se consolidou, quando o interesse pela educação de crianças e adolescentes se firmou. O fato é bem conhecido quanto a Esparta, onde a tradição atribui a Licurgo não apenas a instituição de um regime de governo, mas um sistema pedagógico com ele relacionado. A educação espartana é essencialmente militar e comunitária como iremos tratar em capítulo dedicado à este tema.

As idéias educacionais das civilizações orientais foi o de preservar o passado e a imposição de modelos de conduta para o cidadão, visava reprimir a individualidade, para facilitar o domínio desta sociedade por uma elite literária e sacerdotal.

Na Grécia as idéias educacionais dão oportunidade ao desenvolvimento individual, formalizando o que hoje chamamos de "educação liberal" ou seja, a educação para a for-

(1) Genos. Nome do agrupamento primitivo, da família no sentido amplo do termo.

mação do homem livre, que o possibilita fazer uso desta liberdade, ou ainda em sua expressão mais moderna "a educa-ção para o exercício da cidadania."

III A EDUCAÇÃO EM ESPARTA

Aproximadamente no século Viii a.C. as comunidades aldeãs dos tempos homéricos começam a ceder lugar às unidades políticas maiores. Como se vê, é praticamente ininterrupto o intercurso de linguagem, Pólis e divindade na história grega. Tanto a cidade como a língua grega são produtos do mito e do culto, ou seja, da religião.

Surgem as cidades-estado, fruto das necessidades de defesa e nelas as Acrópolis (Akro + Polis, situadas na parte mais elevadas), as mais conhecidas foram:

No Continente, Tebas, Mégara, Atenas. No Pelopone-so, Corinto e Esparta.

Na costa (Ásia Menor), Mileto.

Se torna clássico o paralelo que se costuma fazer entre Esparta e Atenas.

Atenas com aproximadamente 2.750 km² com uma população de aproximadamente 400.000 habitantes.

Esparta com aproximadamente 800 km² e com uma população de aproximadamente 400.000 habitantes. (Fonte: Educação Através dos textos, Maria da Rosa Glória, Cultrix, 1965).

Atenas foi o berço dos artistas, a pátria da liberdade e da democracia. Na realidade, não existe comparação entre Esparta e Atenas.

Esparta era fechada, rígida.

Atenas, aberta, plástica, inclinada ao novo.

Contido, Esparta, nem sempre foi uma cidade-estado severa e bárbara. Em épocas remotas, constituíu-se o centro da civilização Helênica, acolhendo estrangeiros, a arte e a beleza. Atenas só conquistou seu espaço no século V a.C. Esparta foi até 550 a.C. A metrópole da civilização Helênica.

3.1 *Origem de Esparta*

Diferentes tribos ocupavam a Hélade e teriam vivido em constantes migrações e lutas entre si, por volta do século XI a.C. os Dórios, consolidaram sua fixação na Península do Peloponeso e constituíram a cidade estado de Esparta, por volta do século VIII a.C.

O estado Espartano era dividido socialmente em três classes distintas.

Dórios ou Esparciatas, constituíam a elite dominante, por sua condição nata de fundadores do estado, monopolizavam os direitos de cidadania, detinham os cargos públicos de governo e representavam aproximadamente 5% da população total de Esparta.

Os Periecos, descendiam dos antigos habitantes, eram homens livres, mas destituídos de direitos políticos, exerciam atividades comerciais, nas lavouras ou outras atividades econômicas qualquer vedadas aos esparciatas. Serviam ao exército como soldados e representavam aproximadamente 15% da população.

Os Ilotas, eram a população que vivia em semi-escravidão, tinham a obrigação de produzir e servir para seus senhores, não tinham direito nenhum político ou social e representavam aproximadamente 80% da população total de Esparta.

Licurgo, o grande administrador de Esparta, organiza o estado dividindo a terra entre os Dórios, sendo que estes, não podiam trabalhar nas suas terras por serem considerados a elite de Esparta, e esta atividade era considerada indigna a elite. Contudo, a eles era reprimido o luxo.

O governo era Dual, existia o rei, comandante das forças armadas e o outro cuidava do controle religioso. Ambos chefiavam o senado, composto por 28 membros com mais de 60 anos, tendo ainda o Eforato, composto por 5 membros que executavam uma função judicial. ✓

3.2 O sistema educacional espartano

Os traços fundamentais do sistema educacional espartano foram o seu caráter militar, a serviço exclusivo do estado. Não havia a preocupação de formar o homem, e sim o soldado. Sua única preocupação era a preparação para a guerra, uma vez que toda a atividade produtiva e econômica, ficavam a cargo dos Periecos ou Ilotas. As consequências dessa situação foram, naturalmente a ausência de uma cultura nacional e o caráter predominante físico e militar da educação. O interesse pela eficiência física das gerações futuras chegava ao ponto de recusar o direito de vida às crianças que nascessem defeituosas, as quais eram atiradas sobre as Escarpas do Monte Taigeto.

"A lei, exigente, interessa-se pela criança antes mesmo de haver nascido: há, em Esparta, toda uma política de eugenismo. Apenas nascida, a criança deve ser apresentada, no Lesqueu, a uma comissão de anciãos: o futuro cidadão só é a-

ceito quando é belo, bem formado e robusto; os raquíticos e desinformes são condenados a ser lançados no Monturo, nos Apôtetas."

(MARROU, 1975. p. 41)

A criança não tem direito a vida, senão sob a condição de ser de compleição robusta e sem deformidade.

Até a idade de 7 anos, a criança ficava ao pé de sua mãe, preparada para gerar bons filhos para Esparta, que a deitava se movimentar em liberdade, e a acostumava apenas a não temer as trevas e a solidão e mostrar-se indiferente à escolha dos alimentos, e procurava desenvolver-lhe o vigor dos membros. Já aí vemos a preocupação pela formação física da criança era acostumada desde cedo, à sobriedade, à fadiga e ao sofrimento físico, enquanto que, no seu espírito, se procurava cultivar a obediência às autoridades, o respeito aos velhos, a mística da pátria e a coragem diante do perigo.

Todo o processo de educação era o adestramento para a vida militar, era negada a criança qualquer conforto material e como afirmamos anteriormente, a alimentação era sóbria.

"Os jovens aprendem a suportar o rigor da fome, do frio, a dormir com desconforto, a vestir-se de forma despojada. A educação moral valoriza a obediência, a aceitação dos castigos, privilegia a vida comunitária e ensina o respeito aos mais velhos".

(ARANHA, História da Educação, 1989. p. 39)

O objetivo da educação espartana era dar a cada indivíduo tamanha perfeição física, coragem e hábito de obediência completa às leis, que o tornassem o soldado ideal,

insuperável em bravura; um soldado em que o indivíduo estivesse absorvido pelo cidadão.

Depois de um duro treino até os 7 anos de idade, em que a criança ficava sob os cuidados da mãe como já vimos, ele era tirado do lar e colocado sob os cuidados dos auxiliares do Pedônomos. Estes cuidavam das crianças em casernas públicas, custeadas pelo estado. A escola era única, para classe dominante, e a educação visava antes de tudo, formar homens robustos, audazes e aptos a suportarem as maiores fadigas. Para isso, os jovens Lacedemônios eram divididos em três classes, abrangendo as idades de 7 a 12, de 12 a 15 e de 15 a 18 anos de idade. Recebiam suas lições em grupos de sessenta e quatro, sob a direção de monitores, escolhidos entre os mais inteligentes e dignos. Deviam aceitar, sem relutância, as tarefas mais asperas, difíceis e penosas. A direção geral dos grupos ficavam a cargo de um superintendente (Padônomos) auxiliado por inspetores de disciplinas (Mastigóforos) que por qualquer motivo faziam o uso do chicote.

"Ao atingir sete anos, o jovem espartano é requisitado pelo estado: até à morte, pertence-lhe inteiramente."

(MARROU, 1975. p. 42)

Desde os 7 anos de idade a criança serve aos interesses do estado. Ela nunca fica solta. Está sempre sob as ordens de um superior. Desprezam-se os valores intelectuais e valorizam-se os dotes físicos e demais qualidades essenciais dos guerreiros como Astúcia, indiferença ao sofrimento, disciplina, espírito de sacrifício e renúncia.

Pés descalços, vestidos quer no verão quer no inverno com uma curta e leve túnica, nutrido de ração parca, que deve completar com a pilhagem, deitados em uma cama feita com caniços. A ginástica, a corrida, a natação, os jogos do pentatlo, o arremesso do disco e do dardo, são

ensinados metódicamente. Nas classes superiores, dos 12 aos 20 anos de idade, os exercícios militares, evoluções e manejo de armas, tornam-se parte importante da marcha, no serviço de campanha e na "Escola de Companhia".

A dança e a música são cultivadas. A dança é exercício religioso e militar, consiste em executar com cadência, acompanhando a música, diversos movimentos rítmicos.

"O exército espartano, único exército de profissionais na Grécia Clássica, causava admiração a todos, por sua habilidade manobrista, passando de uma formação em fila a uma formação em linha por evoluções tão prontas quanto regulares, executadas de maneira impecável, tanto no campo de batalha como no campo de exercício."

(MARROU, 1975. p. 44)

A música é, a princípio, limitada ao uso da antiga Cítara de sete cordas e ao emprego do módulo Dórico.

Além dos elementos já analisados, havia a literatura épica recitada nas casernas, não como deleite intelectual, mas como elemento de formação cívica do soldado, assim também, como eram decoradas as leis de Licurgo. Também a educação moral tinha por finalidade o desenvolvimento do ser, ela procurava formar o caráter do educando para acostumá-lo às privações.

3.3 Períodos educativos

Aos 12 anos, a criança recebia o manto da virilidade. Dos 18 aos 20 anos, os jovens formavam os "Kruptoi" ou equipes encarregadas do policiamento do território. Viviam fora da cidade e realizavam, por meio do trabalho do Ilotas, as obras de utilidade pública. Esse período era destinado exclusivamente à formação militar. Dos 20 aos 30 anos, passavam para a classe dos Irens. Exatamente ao completar 20 anos, o Esparciata passa ao serviço ativo e submete-se à críptia, onde irá provar a sua capacidade de sobreviver pela violência e pela astúcia. Aos 30 anos, adquirem direitos de cidadãos, podiam casar-se e constituir família, mas permanecem soldados. Contudo passam a residir em suas próprias casas.

A educação feminina era também função do estado.

"A graça arcaica cede o passo a uma concepção utilitária e crua: como a mulher fascista, a mulher espartana tem o dever de ser antes de tudo uma mãe fecunda em filhos vigorosos. Sua educação é subordinada a esta preocupação de eugenia: procura-se 'tirar-lhe a delicadeza e a feminilidade', enrijecendo-lhe o corpo, obrigando-a a 'exibir-se nua nas festas e nas cerimônias: o objetivo é fazer das virgens espartanas robustas viragos sem complicações sentimentais, que se acasalarão ao melhor dos interesses da raça."
(MARROU, 1975. p. 46)

O dever das mulheres era, antes de tudo, oferecer à pátria filhos sadios e vigorosos. Eram, por isso, submetidas a exercícios físicos, idênticos aos dos rapazes. Praticavam, em campos especiais, divididas em classes conforme a idade, do salto ao lançamento de dardos, o canto, o bailado enfim, tudo em igualdade com os rapazes. Traja

vam-se também como eles. Os costumes espartanos permitiam as relações mais livres entre os dois sexos. Em determinadas festas haviam a participação dos rapazes e das moças em bailados, completamente nus.

A grande dor, o grande desespero de uma mulher espartana, não seria a prisão ou a morte de seu companheiro, mas a constatação de que houvessem falhado ou se acovardado em combate.

O esparciata permanece ligada à caserna até os 60 anos e ligado aos seus deveres com o estado os quais incluíam a obrigatoriedade de uma refeição diária com seu grupo cívico.

*"Na vida dos espartanos. — nas
suas refeições coletivas..."*
(JAEGER, 1989. p.77)

Este compromisso o impedia de viajar.

Após os 60 anos ele adquire o direito de viver a sua maneira, caso não seja eleito para cargos públicos.

A história da civilização espartana, cujo florescimento foi superficial e passageiro e que nada apresentou de fecundo e de original, constituiu. Por si mesma um atestado vivo e eloquente do fracasso do seu sistema educacional inumano e de mão única. Destituídos de sólidos princípios morais e desprezando os valores da ciência e da arte, os espartanos pouco ofereceram como contribuição ao patrimônio da cultura universal. Seu exemplo inviável para os dias de hoje, mas perfeitamente compreensível às necessidades da época. Não contribuíram para consolidar a Esparta tão heróica. Daí a não restar desse estranho povo nenhuma herança, a não ser a memória sombria do seu orgulho, sua vaidade e suas glórias.

Eles nos deitaram um tipo de educação que produziu força física e endurecimento das qualidades morais elementares, força e caráter. Sob um sistema depótico de leis e

um corpo de cidadãos fortemente imbuídos de patriotismo e devotamento a um Estado que encampava todas as atividades e todos os interesses da vida. Mas para as gerações futuras, pouco legaram a não ser o seu exemplo.

Por trás disso tudo estava uma concepção de homem. Um modelo ideal. Distinguiu-se a formação do homem por meio da criação de um tipo ideal. Contudo formação e educação têm raízes diferentes. A formação se manifesta de forma mais integral. O ideal da formação do homem grego começa com as elites na Grécia. É um ideal definido de um homem superior que almeja a superioridade da raça. A eugenia. É no conceito de Areté que se centra o ideal da educação nesse período, ela não designa apenas excelência humana, é mais ampla. O homem comum não tem Areté.

Na vida dos espartanos, nas suas refeições comuns. Na sua organização guerreira, no predomínio da vida pública sobre a privada vê-se claramente a tentativa da realização consciente de um ideal de educação.

IV O SISTEMA EDUCACIONAL ATENIENSE

É difícil afirmar em que medida a educação foi considerada instituição pública em Atenas. Podemos afirmar que a educação esteve muito longe de ter sido livre entre os gregos. Ao estado era permitido vetar o ensino livre ao lado do seu. Segundo Xenofonte, Atenas decretou um dia, uma lei que proibia instruir crianças sem autorização dos magistrados e outra que proibia, especialmente, ensinar filosofia. Contudo ele próprio reconhece que essas leis não duraram muito (a cidade antiga, 267-268).

Os atenienses jamais tiveram um sistema nacional de educação regulamentado por lei em todos os pormenores. Alguns legisladores se limitaram apenas alguns preceitos gerais e Sólon apenas diz: "*os meninos grandes devem, em seguida, ser exercitados na agricultura ou num ofício qualquer; os ricos, na música, na equitação, na poesia e dedicar-se à caça e à filosofia*". Diferentemente de Esparta, os cuidados com a educação das crianças cabia aos pais e somente os cidadãos ricos podiam dar a seus filhos, a educação completa, liberal, e, não apenas profissional.

Essa educação aristocrática dos jovens atenienses de boa família tinha por característica essencial ~~X~~ formar o corpo e o espírito e manter entre os dois o tão almejado equilíbrio. ✓...

4.1 *Origem de Atenas*

Sua fundação remonta ao século X a.C., pelos Jônios que solidificaram seu domínio na Península da Ática.

A sociedade foi dividida por Sólon em quatro categorias conforme seu poder econômico, ficando obviamente às classes mais abastadas com privilégios especiais.

A organização jurídica do estado ateniense, era estruturada de forma que todos os cidadãos tivessem participação no poder político. O comando ou efetivo governo no sentido do atual poder executivo era o Arcontado, composto por 9 arcontes, tendo ainda o Aerópago com função de judiciário, e o legislativo era composto pelo Senado e a Assembléia.

A educação ateniense não foi obra de uma legislação, nem resultou de um sistema público de educação. Toda a organização educacional foi fruto da iniciativa particular e a sua propagação nasce do idealismo do povo grego e do seu amor pelas ciências e pela arte a liberdade de ensinar e aprender que era estabelecida em Atenas, era parcial pois o estado chamava a si o encargo de instalar e manter os institutos de educação física.

4.2 *A educação ateniense*

A educação ateniense difere profundamente da educação espartana, quer pela sua organização, quer pelo seu espírito. Ela constitui o tipo mais representativo da educação Helênica e é nela que vamos encontrar, em toda a sua plenitude, o humanismo pedagógico com o seu culto da liberdade civil e a sua preocupação pelo desenvolvimento harmonioso da personalidade. Tucídides, o grande historiador ateniense, na sua famosa "Oração Fúnebre de Péricles", sin

tetiza, com beleza e eloquência, os pontos essenciais que tornaram a educação ateniense, superior à espartana:

"Não educamos as nossas crianças por meio da violência, mas deixando que as mesmas se desenvolvam livremente até se tornarem homens. Amamos e cultivamos o belo, sem vã ostentação. Prezamos a verdade, procuramos o conhecimento. Sem nos deixar, porém, dominar pela moleza ou pela folgança. Somos audazes e temerários. Mas nossa exaltação não nos impede de avaliar o alcance das nossas empresas. Em outros, ao contrário, o entusiasmo se baseia na ausência de educação. Sabemos julgar com perfeição, o agradável e o penoso, e apesar disso, não nos esquivamos do perigo."

Um cidadão que guiasse sua vida pela razão, que fosse prudente e judicioso no cumprimento dos múltiplos deveres públicos exigidos pelo estado, ainda mais, livre nas suas horas de folga e na interpretação das obrigações sociais, assim como fisicamente forte e bravo nas horas de guerra, não poderia ser produzido por uma educação inteiramente dominada por um despótico regime socialista, como em Esparta. Enquanto Esparta deliberadamente destruía a família, Atenas aspirava conserva-la como um meio de desenvolver e formar a personalidade, e colocava sobre ela o encargo da responsabilidade pela educação.

"Aqui a pedagogia ateniense, que servirá de modelo e inspiradora a toda a Grécia clássica, orienta-se num sentido muito diferente do da nova Esparta. Não se trata, em Atenas, de ver na criança e no adolescente, antes de tu-

do, um futuro Hoplita, de exigir-lhes treze anos de formação militar e de passo ca denciado!"

(MARROU, 1975. p. 67)

A educação ateniense compreendia a educação intelectual ou da música e a educação física ou ginástica. A música abrangia todas as disciplinas subordinadas às musas, deusas das ciências particulares. Nos primeiros tempos, predominou em Atenas a educação física, mas, a partir das guerras Persas. A educação intelectual ou musical assumiu grande importância, igualando-se à ginástica. A educação em Atenas diferenciava-se ainda de acordo com a idade dos educandos, dividindo-se, por isso. Em 2 ciclos: a educação da infância que se estendia até os 15 anos e a educação da juventude ou dos Efebos que se prolongava até os 20 anos.

Todas as escolas eram particulares: e o estado ministrava diretamente só parte da educação, entre os 16 e 20 anos de idade. Essa educação era quase totalmente física e constituía uma preparação direta para o serviço militar. O estado exigia uma certa instrução em música e ginástica. E, enquanto a liberdade e a vida familiar não foram destruídos, certos resultados eram exigidos pela lei, sendo o processo fiscalizado pelo Aerópago. A essa corte cabia o zero especial pela moral do jovem (Efebo). Edifícios escolares de propriedade dos mestres eram muito comuns. O estado forneceu algumas das Palestras (2) ou escolas de ginástica elementar, como fornecia sem dúvida, o ginásio para a educação física superior.

Até aproximadamente 7 anos de idade, a criança era educada em casa pelos pais. A educação familiar em Atenas, muito deixava a desejar, pois as mães eram incultas e sem experiência social e os pais, pouco permaneciam no

(2) PALESTRA - De palaistra, "Lugar onde se luta"; Palaio-eu luto.

lar, absorvidos pelos negócios, pelos espetáculos ou pelo convívio com seus patrícios. Por isso, nas famílias abastadas, a educação das crianças, era entregue desde cedo aos Pedagogos (Paidós = criança + agogós = o que conduz).

"A criança permanece em casa até os 7 anos. Se for menina, continua sob os cuidados maternos, confinada ao Gineceu, local da casa onde as mulheres se dedicam aos afazeres domésticos, pouco consideradas em um mundo essencialmente masculino. Se for menino, desliga-se da autoridade materna e inicia a educação física, a musical e a alfabetização."
(ARANHA, 1989. p. 40)

Acompanhado por um escravo, o Pedagogo; que literalmente significa:

"Aquele que conduz a criança, dirige-se a palestra, local onde pratica exercícios físicos."
(ARANHA, 1989. p. 40)

Muitas vezes, era escolhido com o pedagogo, alguém que, em virtude da idade, de aleijão, ou de outros defeitos, fosse incapaz para os serviços domésticos.

Aproximadamente com 16 anos de idade, ficava o jovem livre do pedagogo, interrompia o estudo literário e musical; e a educação da palestra era substituída pela do ginásio. Aí ele irá conviver mais livremente com jovens de sua própria idade e com adultos. O rapaz era ensinado e treinado numa variedade de exercícios, por um funcionário do estado, o Pedótriba (instrutor físico) e ficava sob a orientação do Sofronísta (zelador moral).

O estado intervinha na organização e na direção dos ginásios. Mas os seus diretores ou ginasiarcas eram elei-

tos por assembléias populares. Esses estabelecimentos de educação popular, cresceram progressivamente, e vieram a possuir não só campos para exercícios físicos. Como também jardins, biblioteca, teatro, estádio para corridas. Atenas possui 3 ginásios famosos: A Academia, o Liceu, o Cinosargo, construídos no século VI a.C., fora dos muros da cidade. Aí, no meio dos bosques, os filhos dos atenienses puros, frequentavam a academia, os mestiços frequentavam o cinosargo e passavam 2 anos em livre convívio com os mais velhos praticando jogos físicos, discussões políticas e sociais. Assim, preparavam-se para a vida de cidadão ateniense.

Ao completar esses 2 anos, e tendo revelado possuir as exigências físicas e morais da cidadania, era o jovem incluído na lista de cidadãos livres. Fazia então o juramento de fidelidade ao estado, aos deuses e às tradições morais e recebia em assembléia pública o equipamento de soldado pelo seu pai, ou no caso de orfão de um herói de guerra. O estado; trocava a vestimenta de efebo pela vestimenta de cadete.

Dos 16 aos 18 anos, vivia no acampamento nas visinhanças da cidade, e dedicava-se aos treinos militares no uso das armas e na administração de negócios práticos do estado (administração pública). No último ano, tornava-se um soldado regular nas mais distantes guarnições. Tinha em vista, famializa-lo com as estradas, a fronteira e a topografia de seu país.

O ensino coletivo e anônimo, gerido gratuitamente pelo estado desde a época de Sólon, e que devia fazer de cada Efebo um homem preparado para os tempos de guerra e de paz, não foi mais suficiente quando a democracia ateniense atingiu a sua plenitude. Tornaram-se então necessários ao jovem ateniense, para a sua integração na vida social e política, certos estudos mais específicos que eram: retórica, dialética e sofística. Uma das razões dessa ampliação foi a reformulação judiciária.

Nota-se que essa educação era voltada muito mais

para os jovens de famílias abastadas, que para os jovens ateniense de família média, conforme ressalta Marrou:

"Mesmo em pleno quinto século esta educação continua sendo orientada muito mais para a vida nobre — a do grande proprietário de imóveis, rico e portanto ocioso — do que para a vida real do ateniense médio, que, obscuramente, assegura sua subsistência como camponês, como artesão ou como pequeno comerciante."

(MARROU, 1975. p. 69)

No período de Péricles (449-429 a.C.), após as vitórias nas lutas contra a Pérsia e a formação da liga Jônia tendo Atenas como líder, vemos um florescimento intelectual com a vinda de muitos estrangeiros. Os interesses individuais passam a predominar, a ação educativa passa a visar como fim único o bem estar do próprio indivíduo. Busca-se o aprimoramento das qualidades pessoais, afim de propiciar condições de êxito em uma nova sociedade democraticamente organizada.

O estudo intelectual assume maior importância e sobrepõe-se sobre o físico. A educação literária e artística tem novo desenvolvimento, mudando a sua ótica e passando a ser vista pelo seu sentido estético e não mais como forma de formação cívica. O ensino torna-se profissional sendo exercido pelos sofistas, são criadas novas instituições de ensino. Entre estes sofistas destacam-se Pitágoras, Hipias e Górgias.

As exigências impostas a educação por tais modificações sociais. Políticas, econômicas, éticas, literárias e outras; foram duplas. Em primeiro lugar, com o desenvolvimento da liberdade na esfera política, passou-se a reclamar da educação maior liberdade de ação e de pensamento. Em segundo lugar, impôs-se a necessidade de um

treinamento, ou educação que habilitasse o indivíduo a aproveitar-se das oportunidades emergentes. Toda a educação anterior preparava apenas para o serviço cívico. Sob a forma de uma nova geração de professores foi que surgiram esses sofistas.

No sentido mais amplo, os sofistas eram professores gregos, raramente filhos de Atenas, que visam os defeitos da organização educacional de Atenas e ofereciam aos jovens da cidade a educação pela qual almejavam preparando-os para o engrandecimento pessoal na vida política e social da época.

O trabalho do verdadeiro sofista, como defini Sócrates, era ensinar o jovem a "pensar, falar e agir". A moralidade tinha de ser baseada na razão e não como no antigo período, no costume e na tradição, revelados no pensamento religioso e na vida institucional dessa época. Tais idéias realmente encorajaram a tendência ao irrestrito individualismo e muito contribuíram para a desmoralização de Atenas. O termo sofista, continuou por muitas gerações.

"Esse rápido exame é suficiente para sugerir a riqueza das inovações introduzidas pelos sofistas na educação grega: abriram eles muitas vias divergentes, que nem todos exploraram igualmente e que nenhum deles palmilhou até o fim. Estes iniciadores descobriram e estimularam uma série de tendências pedagógicas diversas: em cada trilha deram apenas alguns passos, mas a senda estava dali por diante determinada e foi seguida depois deles. Seu extremo utilitarismo impediu-os de aplicarem-se a fundo no que quer que fosse."

(MARROU, 1975. p. 97)

Os antigos filósofos da educação, também concorda-

ram com os conservadores que rejeitaram a nova educação. Recusaram apoio à atitude negativa dos sofistas por considerarem-na inteiramente inadequada, e defenderam a necessidade da educação moral.

O individualismo, o relativismo e o ceticismo são os traços característicos do pensamento sofísticos — que vamos encontrar impregnando a educação e a cultura grega nessa fase obscura da Hélade.

4.3 A educação feminina

A educação dos jovens era inteiramente doméstica e se realizava no interior dos gineceus. As mães ensinavam as filhas todas as atividades do lar. Transmitiam-lhes ainda certas noções de higiene física e os preceitos morais. Mas a educação intelectual era nula. As mulheres atenienses eram preparadas exclusivamente para a vida da família. Somente as Beteras (escravas dançarinas ou tocadoras de flauta), recebiam alguma instrução intelectual. Xenofonte nos deixou uma descrição muito viva e interessante do caráter essencialmente doméstico da educação feminina em Atenas.

Os atenienses revelaram grande interesse pela educação das novas gerações. Seu sistema educativo visava a formação harmoniosa da personalidade no sentido da beleza do corpo. Da utilização da inteligência e da nobreza do coração, os três pilares que iriam sustentar uma cultura que no futuro, tantas outras iriam se espelhar: sabedoria, beleza e nobreza. Daí o caráter essencialmente humanista da sua educação cujo o ideal era a plenitude das virtualidades físicas e espirituais dos cidadãos atenienses. Outro aspecto elogiável dessa organização educacional foi a liberdade do ensino entregue inteiramente à iniciativa dos pais e dos mestres. Essa liberdade educativa foi uma das

causas do florescimento das escolas de Atenas. Os métodos didáticos não eram de todo atrasados pois, se o ensino da gramática abusava da memória e o da leitura era feito pela soletração, foram usados processos intuitivos no ensino do cálculo, sendo freqüente o emprego de "jogos educativos". Um dos graves defeitos do sistema educacional ateniense, foi sem dúvida a ausência de uma educação feminina. Foi isso uma consequência da posição secundária que a mulher ocupava na sociedade ateniense.

V CONCLUSÃO

A importância dos gregos como educadores, afirma Jaeger, deriva da sua concepção do lugar do indivíduo na sociedade. É a "educação para a formação do homem livre", é a educação para o exercício pleno da cidadania. As suas finalidades consistiam em determinar as coisas que constituem a razão de viver, a capacidade intelectual, a liberdade moral, a apreciação estética e o poder de realização. Contudo, não podemos nos esquecer, que essas oportunidades, destinavam-se a mais ou menos 15% dos homens livres da população. Em vários momentos deste trabalho podemos observar da utilização do estado, da educação, para perpetuar seus ideais.

Configurou-se desde o início um desafio traduzido por uma tentativa contínua de marcar passo-a-passo os gregos como criadores de uma ordem educacional com características culturais que originariam a Paidéia.

Segundo Jaeger, ao se referir à Paidéia ele diz que:

"Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os gregos entendia por Paidéia."

Para abranger o campo total do conceito grego teríamos que empregar todos esses termos de uma vez só. Jaeger ainda afirma que:

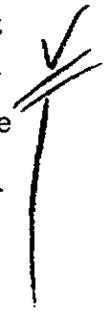
"Essas coisas não se contemplam com os olhos do homem moderno, mas sim com os olhos do homem grego."

(JAEGER, Paidéia, 1989. p. 1)

Os antigos estavam convencidos de que a educação e a cultura não se constituem uma teoria abstrata, distintas da estrutura histórica objetiva da vida espiritual. Assim sendo, toda a educação é assim o resultado da consciência viva de uma norma que rege uma comunidade humana. Quer se trate de família, classes ou um Estado. A educação participa na vida e no crescimento da sociedade. -

Observamos desde Homero, a educação grega é uma busca constante do "modelo ideal".

Hoje, quando tanto relevo se dá a "expressão" e ao lado "construtivista" do processo educacional, merece consideração especial um outro aspecto do método grego. A educação grega consistia antes de mais nada, em fazer; só em segundo lugar era um processo de ensino. A ação era modelada diretamente a mercê da autoridade. Justamente como as nossas escolas dedicam a maior parte de seu tempo à formação das idéias da criança, pela autoridade, assim as escolas gregas dedicavam seus esforços à formação da conduta. Nessas escolas o menino aprendia a correr, saltar, lutar, sobressair-se em exercícios físicos e disputas, tocar harpa, ler, declamar e dançar. É tudo um fazer, a formação de hábitos de cortesia, de graça, de temperança nos pensamentos e na ação, de domínio de emoções e de paixões, de saber dar expressão pela ação, às idéias de harmoniosa, bela e virtuosa conduta na vida. Somente depois de tudo isso é que a educação vem a ser uma instrução. Uma vez formado o hábito pelo exercício, a educação deve ser seguida pela instrução, a fim de tornar o hábito permanente e fazê-lo racional. Os gregos sustentavam o princípio bíblico de que a prática conduz ao conhecimento e aceitação da doutrina. -



A Natureza e a Educação

Três coisas podem tornar o homem bom e virtuoso: a natureza, o hábito e a razão... É necessário que a natureza apresente certas qualidades de alma e de corpo. Todavia, os dons da natureza não bastam, as qualidades naturais se modificam de acordo com os costumes, podendo destes sofrer uma dupla influência capaz de as perverter ou melhorá-las. Quase todos os animais estão submetidos somente ao império da natureza; algumas espécies, em pequeno número, estão subordinadas ao império dos hábitos; o homem é o único que, além dos costumes e dos hábitos, possui a razão. É preciso que estas três coisas concorram entre si.

A educação age pelos hábitos e pelas lições do mestre. A natureza é o princípio de tudo... É necessário seguir a marcha da natureza, a arte e a educação concluem o que a mesma começou.

(ARISTÓTELES, *Política*, livro IV, cap. XII.)

ANEXOS

Fontes ?

QUADRO CRONOLÓGICO

ANTIGUIDADE		
Século	Filosofia	Contexto histórico
VI a.C.	<i>Período pré-socrático</i> Escola jônica: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito Escola itálica: Pitágoras Escola eleática: Xenófanes, Parmênides, Zenão	Registro escrito da <i>Ilíada</i> e <i>Odisséia</i> (Homero) Reformas de Sólon Reformas de Clístenes Período arcaico da arte grega
V a.C.	Escola atomista: Leucipo, Demócrito Anaxágoras Empédocles <i>Período clássico</i> Sofística: Górgias, Protágoras, Híppias Escola socrática: Sócrates	Guerras médicas Péricles Heródoto (história), Hipócrates (medicina) Tragédias e comédias Guerra do Peloponeso Tirania dos Trinta Período clássico da arte grega
IV a.C.	Platão Aristóteles	Eudoxo (sistema geocêntrico) Crise política em Atenas Filipe da Macedônia e Alexandre Magno (helenismo) Período helenístico da arte grega
III a.C.	<i>Período pós-socrático</i> Estoicismo: Zenão de Cítio Epicurismo: Epicuro Ceticismo: Pirro	Euclides (geometria), Arquimedes (mecânica) Guerras púnicas (Roma-Cartago)
I a.C.	Lucrécio, Cícero	Fundação do Império Romano
I d.C.	Sêneca	Cristianismo
II	Marco Aurélio	Ptolomeu (sistema geocêntrico) Apogeu do Império Romano
III	Plotino <i>Filosofia patrística</i> (Padres da Igreja): Clemente, Orígenes	Galeno (anatomia) Crise do Império Romano
IV	<i>Filosofia patrística</i> : Santo Agostinho	Começo da alquimia Vulgata (tradução da Bíblia para o latim) Divisão do Império Romano (do Ocidente e do Oriente) Cristianismo (religião oficial)

Cronologia

- Século XX a. C. — início provável das migrações dos indo-europeus que povoaram regiões da Grécia durante quase um milênio: aqueus, eólios, jônios e, por último, os dórios.
- Século X a. C. — formação das comunidades baseadas na agricultura, cerâmica e metalurgia, em terras de propriedade coletiva e trabalho feito por rodízio entre os membros. Os *genoi* eram comandados pelos *basileis*.
- Século VIII a. C. — desintegração dos *genoi*. Surgimento da propriedade privada, de classes sociais diferenciadas e do Estado. Colonização grega no mar Egeu, Ásia Menor e sul da Itália.
- Século VII a. C. — desenvolvimento das atividades mercantis. Em Atenas, principalmente, surgem novas classes com novos interesses. A luta política se acirra.
- 594 a. C. — reformas de Sólon. Na *economia*: moeda padronizada, promoção da entrada de estrangeiros em Atenas, exploração de minas de prata, estabelecimento de pesos e medidas; na *sociedade*: anistia geral e fim da escravidão por dívidas; e na *política*: ampliação da participação pelo critério de renda.
- 560—510 a. C. — período das tiranias. Consolidação das reformas econômicas e sociais. Crise do sistema político.
- 508—507 a. C. — reforma política de Clístenes em Atenas. Instituição do regime democrático. Clístenes estabelece o critério regional para a participação política, amplia o Conselho dos Cidadãos, e permite a todos os cidadãos terem os mesmos direitos políticos.
- 490 a. C. — início da guerra entre os persas e os gregos. Os persas tiveram vantagens até 479 a. C., mas a partir da ofensiva grega, em 478 a. C., sofrem significativas derrotas. A cidade grega mais beneficiada com a guerra foi Atenas, que vive seu apogeu por volta de 450 a. C., quando o Tesouro de Delos é para ela transferido.
- 470 a. C. (?) — nascimento de Sócrates, contemporâneo da guerra contra os persas e entre os gregos, onde serviu inclusive como soldado.
- 449—429 a. C. — governo de Péricles. Apogeu político, econômico e cultural de Atenas. A cidade é reconstruída e embelezada. Péricles instituiu a remuneração pela participação política.
- 431—404 a. C. — guerra do Peloponeso. Luta entre cidades gregas rivais, principalmente Atenas e Esparta, pelo domínio de toda a Grécia. A vitória de Esparta sobre Atenas irá enfraquecer a democracia desta última.
- 404—403 a. C. — governo dos trinta tiranos em Atenas. Com o apoio de Esparta, ocorre uma tentativa de abolir a democracia em Atenas.
- 403 a. C. — restabelecimento da democracia em Atenas. Mas a cidade não será mais a mesma: é o início de sua decadência.
- 399 a. C. — processo e condenação de Sócrates à morte.
- 387 a. C. — Platão funda em Atenas a Academia.
- 338 a. C. — depois de um longo período em que as cidades gregas lutaram entre si, Filipe da Macedônia, obtendo a vitória na Batalha da Queroneia, conquista a Grécia. É o fim da autonomia das cidades gregas: elas passam a fazer parte do Império Macedônico.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação. São Paulo, Moderna, 1989.

BRANDÃO, Junito de S. Mitologia Grega I. Petrópolis, Vozes, 1991.

_____. Mitologia Grega II. Petrópolis, Vozes, 1992.

_____. Mitologia Grega III. Petrópolis, Vozes, 1992.

_____. Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega. (Vol. I/II). Petrópolis, Vozes, 1991.

JAEGER, Werner. Paidéia. A formação do homem grego. 2^a ed. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

MARROU, Henri-Irénée. História da Educação na Antiguidade. 4^a ed. São Paulo, E.P.U. - Brasília, 1975.

REALE, Giovane. História da Filosofia Antiga I. São Paulo, Loyola, 1993.

ROSA, Maria da Glória. História da Educação Através dos Textos. São Paulo, Cultrix, 1975.

Fora da
monografia da
ABNT

XENOFONTE. Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates.
São Paulo, Abril, 1972. (Col. Os Pensadores, 2)